

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
2 de Junho de 2022
ADOLFO ARRIETA: REALIZADOR CONVIDADO

LES INTRIGUES DE SYLVIA KOUSKI / 1975

Um filme de Adolfo Arrieta

Argumento, imagem (16 mm, cor) e montagem: Adolfo Arrieta / Música: canções de diversas épocas / Som: não identificado / Interpretação: Marie-France (Carmen, a mulher loura), Michèle Moretti (Sylvia Kouiski), Howard Vernon (Cousky), Javier Grandes, Hélène Hazéra, Gaëtane Gaël, Michel Cressole, Costa Comnène, Maud Moulyneux, Severo Sarduy, Raul Escari, Jean Douchet e outros. Produção: Adolfo Arrieta / Cópia: ficheiro digital (transcrito de uma cópia em vídeo Beta, por sua vez transcrita do original em 16 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 72 minutos / Estreia mundial: Paris, 12 de Março de 1975 / Estreia em Portugal: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 3 de Novembro de 2010, no âmbito do Festival Temps d'Images.

com a presença de ADOLFO ARRIETA

Embora nada tenha sido preconcebido e planeado no itinerário de Adolfo Arrieta, nos primeiros dez anos do seu percurso ele realizou dois dípticos, dois pares de filmes que se respondem e se correspondem e são reflexos do contexto pessoal e cultural em que foram feitos. O primeiro destes dípticos, nascido na Madrid dos anos 60, é formado por **El Crímen de la Pirindola** e **La Imitación del Ángel**, dois excursos poéticos realizados a preto e branco nos espaços fechados em que era possível respirar na Espanha de então, dois filmes oníricos, nascidos de devaneios interiores. O segundo é formado por **Les Intrigues de Sylvia Kouiski** e **Tam-Tam**, feitos na Paris posterior a Maio de 68 e anterior em dez longos e ricos anos à revolução conservadora e à sida (neste, como em outros períodos, Paris era mesmo uma festa, para citar uma frase famosa dos anos 20), dois filmes a cores, nascidos de devaneios exteriores, que acompanham os movimentos da constelação na qual se movia Arrieta. Estes dois filmes parisienses, que já à época em que foram feitos tinham uma dimensão de documentário que o passar dos anos ampliou e cimentou, também têm algo de *home movies*, como muitos filmes *underground*. O próprio Arrieta aborda este aspecto numa entrevista dada aos *Cahiers du Cinéma* em 1978: “*Às vezes as pessoas dizem-me: «tem-se a impressão que fazes os teus filmes aos fins-de-semana com os teus amigos, para te divertires, sem nenhum problema, nenhuma preocupação». Gosto muito disto, porque significa que o «trabalho» fica invisível, faz parte do todo, não existe*”. É preciso notar que não apenas havia espaço na Paris de Georges Pompidou e Giscard d'Estaing para que estas pessoas vivessem como queriam e que um filme como este fosse feito, como também havia espaço para que fosse distribuído numa sala de cinema, o que se deu graças a duas personalidades pouco banais (Pascale Dauman e Annabel Herbout) e à sua recém-fundada distribuidora, Pari-Films.

Sem emitir juízos de valor diante de objetos cinematográficos tão diferentes, há mais “trabalho”, mais premeditação formal no díptico madrileno do que no parisiense, cujos filmes foram feitos ao sabor da rodagem, foram “*filmados às cegas*”, para citarmos a fórmula de Jean-Claude Biette, acrescentando que os filmes de Arrieta “*só se fecham nos derradeiros arrependimentos da montagem*”. Estes filmes, como diz o próprio Arrieta, “*não partem de uma história, mas como num trabalho ao revés, acabam por contar uma história*”. Em **Les Intrigues de Sylvia Kouiski**, inteiramente situado num diminuto perímetro parisiense, que vai de Saint-Germain des Près ao Pont-Neuf (é no jardim anexo àquela igreja que começa a “ação” e é naquela ponte que chega ao fim, exatamente com os mesmos personagens), espaço físico que se desdobra num vasto espaço mental, Arrieta começa por estabelecer um ambiente, um clima, para depois introduzir um simulacro ou paródia de trama narrativa,

um entrecho, uma *intriga*: as intrigas de Sylvia Kouski, que rouba a escultura que o seu marido ia expor, obrigando-o a substituí-la por uma escultura viva. A personagem-titular é interpretada por Michèle Moretti, grande figura de um certo teatro (**Les Bargasses** e **Les Idoles**, de Marc'O) e um certo cinema francês (**L'Amour Fou** e **Out 1/Spectre**) e o seu marido é-o por Howard Vernon, num contraste deliberado e radical com os não atores que povoam o resto do filme. Porém volta e meia Arrieta “esquece-se” da trama narrativa e dos seus desdobramentos e deambula em companhia da rica fauna humana que atravessa o filme, cujos membros são marcados pela noção de que são *stars* e cuja vida, por conseguinte, é uma encenação perpétua. Marie-France, cujo personagem leva o nome de Carmen, era de facto uma espécie de estrela, vedeta do cabaré Alcazar, onde ganhara fama num número de Marilyn Monroe. Tem *glamour* e como a nada *glamorous* Héléne Hazéra (que vemos na sequência de abertura e na de encerramento e era uma originalíssima crítica de televisão no então também originalíssimo *Libération*), Marie-France vinha do FHAR, a Frente Homossexual de Ação Revolucionária, que a dada altura organizou debates semanais noturnos na Escola de Belas-Artes, que ao cabo de alguns minutos transformavam-se em vastas bacanais pelos anfiteatros e corredores (isto sim, era uma ação revolucionária), até o dia em que a polícia pôs fim à festa. Ambas pertenciam ao grupo das Gazolines, a tendência mais radical desta “frente revolucionária”, que reivindicava um comportamento ostensivo mas não agressivo, a não ser para aqueles para aqueles que consideravam a simples existência visível de um homossexual como uma agressão. Como verdadeira *star*, Marie-France limita-se em **Les Intrigues de Sylvia Kouski** a dar o da sua graça, a encher o espaço com a sua presença, o que faz com verdadeira *star quality*, ostentando penteados sempre muito diferentes, pois o filme foi rodado ao longo de dois anos e, de qualquer maneira, a noção de *raccord* não faz o menor sentido neste tipo de cinema. Os demais “*tinham a tarefa, comandada a toque de caixa, de serem eles mesmos, estrelas provocantes auto-oscarizadas, desafiando toda a decência e retomando a chama, segundo elas rapidamente abafada, de Maio de 68*”, como observou Renaud Legrand num texto de 2010, distribuído ao público da Cinemateca quando o filme de Arrieta aqui foi apresentado pela primeira vez (escolheram a libertação dos indivíduos, percebendo talvez que a libertação coletiva é impossível). Este é o caso de Héléne Hazéra, mas também de personalidades exteriormente menos flamejantes e igualmente presente no filme, como Maud Moulyneux e Michel Cressole, que também foram figuras marcantes do *Libération* daqueles tempos ou um cortesão e parasita naquele meio, como Costa Comnène (que rega flores, de blazer), filho de um célebre falsário de quadros que também era pretendente ao trono de Constantinopla. A sequência do *vernissage*, que Arrieta rodou na Galerie Yvon Lambert, uma das mais ilustres de Paris (lá estão Severo Sarduy e Jean Douchet!), é uma mistura de documentário e encenação, que exemplifica a beleza que se pode atingir pela improvisação, neste tipo de cinema.

O aspecto lúdico do filme de Arrieta, que define o seu cinema como “*pós-lógico (o filme se faz ao mesmo tempo que o seu trabalho, que nunca é estabelecido de antemão)*”, não é certamente o menor dos prazeres proporcionados ao espectador deste filme, inclusive aquele que não dispõe das referências exatas sobre aquilo e aqueles que vê na tela. **Les Intrigues de Sylvia Kouski** é um jogo, mas sobretudo um devaneio, um sonho desperto, um “*semi-sono*”, para citarmos as palavras de Cocteau, de quem Arrieta sempre foi grande admirador. E tem razão Jean-Claude Biette quando escreve que “*na sua aptidão a combinar um dispositivo insistente e a desordem, não é muito longe de Jean Rouch e Jacques Rivette que Arrieta filma*”.

Antonio Rodrigues